

A TRINCA DO CURVELO:

cidade, crônica e cotidiano fora do eixo

EIXO TEMÁTICO 03: Representações, Memória e Preservação do Urbano

LEITE, Brenda Regina Braz

Mestre em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo; Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo
brenda.rb.leite@gmail.com

RESUMO

Este artigo analisa as crônicas de Manuel Bandeira, escritas, em sua maioria, na década de 1930, sobre os meninos da “Trinca do Curvelo”, a molecada da rua do Curvelo, em Santa Teresa, no Rio de Janeiro, onde o autor vivia, buscando compreender como o cotidiano ali é narrado, e como essa cidade e seus sujeitos, muitas vezes entendidos como “fora do eixo” das centralidades urbanas e sociais, se apropriam dessa cidade. Partindo da crônica como instrumento privilegiado de apreensão do urbano, o trabalho investiga as práticas cotidianas, especialmente aquelas relacionadas à infância e ao uso da rua, como formas de apropriação, resignificação e produção da cidade. Como eixo teórico, mobiliza-se, principalmente, as noções de “estratégia” e “tática” de Michel de Certeau (1998), para compreender as complexas relações que atravessam as experiências desses personagens, evidenciando como os sujeitos ordinários, por meio de usos inventivos do espaço, reinventam a cidade no cotidiano. Dessa forma, nessas crônicas, a realidade social não aparece como pano de fundo, mas como elemento estruturante da narrativa, permitindo compreender o urbano como campo de práticas, experiências e disputas, sobretudo a partir de suas margens, isto é, de uma perspectiva fora do eixo.

Palavras-chave: história urbana; crônicas; cotidiano; Curvelo; Manuel Bandeira.

PENSAR FORA DO EIXO

ABSTRACT

This article analyzes the chronicles of Manuel Bandeira, mostly written in the 1930s, about the boys of the “Trinca do Curvelo,” a group of children from Curvelo Street in Santa Teresa, Rio de Janeiro, where the author lived. It seeks to understand how everyday life is narrated in these texts, and how the city and its subjects — often perceived as “off-center” in relation to urban and social centralities — appropriate urban space. Taking the chronicle as a privileged medium for apprehending the urban, the study examines everyday practices, particularly those related to childhood and the use of the street, as forms of appropriation, re-signification, and production of the city. As its main theoretical framework, it draws on the notions of “strategy” and “tactic” developed by Michel de Certeau (1998), in order to understand the complex relations that shape the experiences of these subjects. This perspective highlights how ordinary individuals, through inventive uses of space, continually reinvent the city in everyday life. In this sense, social reality in these chronicles does not function merely as a backdrop, but rather as a structuring element of the narrative, allowing for an understanding of the urban as a field of practices, experiences, and contestations, especially when viewed from its margins, that is, from an off-center perspective.

Keywords: urban history; chronicles; everyday life; Curvelo; Manuel Bandeira.

RESUMEN

Este artículo analiza las crónicas de Manuel Bandeira, escritas en su mayoría en la década de 1930, sobre los niños de la “Trinca do Curvelo”, un grupo de muchachos de la calle Curvelo, en Santa Teresa, Río de Janeiro, donde vivía el autor. El objetivo es comprender cómo se narra la vida cotidiana en estos textos y cómo la ciudad y sus sujetos — frecuentemente entendidos como “fuera del eje” de las centralidades urbanas y sociales — se apropian de ese espacio urbano. Partiendo de la crónica como un instrumento privilegiado para la aprehensión de lo urbano, el trabajo examina las prácticas cotidianas, especialmente aquellas vinculadas a la infancia y al uso de la calle, como formas de apropiación, resignificación y producción de la ciudad. Como eje teórico principal, se movilizan las nociones de “estrategia” y “táctica” desarrolladas por Michel de Certeau (1998), con el fin de comprender las complejas relaciones que atraviesan las experiencias de estos sujetos. Esta perspectiva permite evidenciar cómo los sujetos ordinarios, mediante usos inventivos del espacio, reinventan la ciudad en la vida cotidiana. De este modo, en estas crónicas, la realidad social no aparece como un mero telón de fondo, sino como un elemento estructurante de la narrativa, lo que permite comprender lo urbano como un campo de prácticas, experiencias y disputas, especialmente desde sus márgenes, es decir, desde una perspectiva fuera del eje.

Palabras clave: historia urbana; crónicas, vida cotidiana; Curvelo, Manuel Bandeira.

PENSAR FORA DO EIXO

INTRODUÇÃO

A cidade, tradicionalmente, e por muito tempo, foi pensada, lida e representada, a partir de seus espaços centrais, monumentais e institucionalizados, privilegiando as formas planejadas, as grandes intervenções urbanas e os sujeitos que ocupam, e atuam, nessas centralidades. No entanto, essa perspectiva tende a invisibilizar outras experiências urbanas, especialmente aquelas que se desenvolvem nas margens, nos espaços social e urbanisticamente menos valorizados, e nas práticas cotidianas de sujeitos que habitam e atuam fora desses eixos dominantes.

É nesse contexto que a crônica se apresenta como um gênero privilegiado para apreender o urbano em sua dimensão ordinária. Associada ao efêmero e ao trivial, produzida na vida de todo dia, e por isso, considerada uma forma “menor” de literatura (Candido, 2003), a crônica revela, no entanto, uma potente capacidade de captar as experiências cotidianas, os gestos ordinários e as formas de vida que escapam aos registros oficiais e às narrativas hegemônicas sobre a cidade.

Partindo dessa perspectiva, este artigo propõe analisar um conjunto de crônicas de Manuel Bandeira que têm como cenário o morro do Curvelo, em Santa Teresa, no Rio de Janeiro, com destaque para: “A trinca do Curvelo” (1932), “Lenine” (1931), “Zeppelin em Santa Teresa” (1930) e “A antiga Trinca do Curvelo” (1957), nas quais se torna possível observar, de maneira mais evidente, as práticas cotidianas, as formas de sociabilidade e as tensões sociais que atravessam a experiência urbana narrada — e vivida — pelo autor. Os personagens principais dessas crônicas são os membros da “Trinca do Curvelo”, isto é, a molecada do bairro que passa seu dia na rua, tornando o espaço urbano seu local de brincadeira, desenvolvimento, experiências e estigmas sociais.

Busca-se compreender como o cotidiano ali é narrado, e como essa cidade e seus sujeitos, muitas vezes entendidos como “fora do eixo” das centralidades urbanas e sociais, se apropriam dessa cidade. Mais especificamente, interessa investigar como as práticas descritas pelo cronista, sobretudo aquelas relacionadas à vivências e ao uso da rua, produzem formas próprias de apropriação, significação e experiência do espaço urbano.

Para isso, é mobilizado como eixo teórico, as noções de “estratégia” e “tática” formuladas por Michel de Certeau (1998), entendendo a cidade não apenas como um espaço planejado e organizado por instâncias de poder, mas como um campo de práticas cotidianas, no qual os sujeitos ordinários reinventam, por meio de usos inventivos, os sistemas que lhes são impostos. Ao lado de Certeau,

PENSAR FORA DO EIXO

dialoga-se também com Walter Benjamin (1987), especialmente no que se refere à noção de porosidade do espaço urbano, e com Antonio Candido (1970), no entendimento da relação entre forma literária e realidade social.

O artigo está estruturado em três momentos principais. O primeiro busca apresentar o papel do Curvelo na trajetória de Bandeira e a emergência do cotidiano como elemento central de sua escrita. Em seguida, é analisada a experiência da infância e as formas de apropriação da rua, destacando as práticas e táticas que configuram o espaço urbano. Por fim, são apresentados os futuros possíveis desses sujeitos, evidenciando inúmeras tensões, contradições e estigmas vividos e enfrentados.

Nesse sentido, interessa demonstrar como, ao deslocar o olhar para a rua e para os sujeitos que a habitam, isto é, para fora do eixo, as crônicas de Manuel Bandeira não apenas ampliam as formas de representação e interpretação da cidade, mas também contribuem para repensar o urbano a partir de suas margens, onde a vida cotidiana se afirma na dimensão fundamental da experiência urbana.

NO IRRESISTÍVEL COTIDIANO DO CURVELO

Manuel Bandeira foi morar na rua do Curvelo — hoje Dias de Barros — em Santa Teresa, por influência de Rui Ribeiro Couto¹, poeta e jornalista, que morava no nº 43 da mesma rua, na pensão de Dona Sara, uma senhora portuguesa que locava quartos para cavalheiros, conforme relatado pelo escritor: “As minhas relações com Ribeiro Couto estreitaram-se quando, falecido meu pai em 1920, fui morar só na Rua do Curvelo, hoje Dias de Barros. Poucos meses antes mudara-se o meu amigo para a casa de D. Sara, à mesma rua.” (Bandeira, 1984. p. 57-58).

Entretanto, a relação de Manuel Bandeira com o bairro de Santa Teresa se iniciou muito antes de sua mudança em 1920. Anos antes já havia residido ali com a família, na rua do Aqueduto, nº 98, edifício ao qual dedicou o soneto “O Palacete dos Amores” — publicado em 1948 no livro “Mafuá do Malungo” —, nome atribuído pelo proprietário do imóvel, um negociante português (Bezerra,

¹ A proximidade e a amizade de Manuel Bandeira com Rui Ribeiro Couto na rua do Curvelo foi fundamental para sua inserção no grupo de intelectuais ligados ao Movimento Moderno brasileiro. Foi através de Ribeiro Couto que Bandeira conheceu e virou amigo de nomes como: Ronald de Carvalho, Mário de Andrade, Jayme Ovalle, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda, entre outros (Bezerra, 2026).

PENSAR FORA DO EIXO

2026). O poeta viveu nesse endereço entre 1908 e 1912, antes de seguir para Clavadel para cuidar da saúde, em 1913, retornando ao Brasil em 1914, em decorrência da Primeira Guerra Mundial.

Em 1916, após a morte de sua mãe, Francelina Ribeiro de Sousa Bandeira, conhecida como D. Santinha, Bandeira retornou a Santa Teresa com o pai e a irmã, hospedando-se por um tempo no Hotel Bellevue, situado no morro do Curvelo. Posteriormente, em 1918, com o falecimento da irmã, Maria Cândida, mudou-se com o pai para a Rua do Triunfo, nº 37, também em Santa Teresa, onde permaneceu até a morte deste, em 1920. Após essa sequência de perdas familiares, o escritor mudou-se sozinho, aos 34 anos, para Rua do Curvelo, no nº 53, e pouco depois para o nº 51, onde permaneceu até 1933 (Bezerra, 2026).

Vizinho, e grande amigo de Manuel Bandeira, Ribeiro Couto, menciona a amizade que se fortaleceu no Curvelo em seu discurso de recepção a Bandeira na Academia Brasileira de Letras, em 30 de novembro de 1940:

Foi alguns dias depois desse último luto que passamos a ser vizinhos, na Rua do Curvelo. Eu ali ocupava um compartimento de fundos com janela para o mar, na “casa do gato cinzento”. Era uma dessas vivendas burguesas que já vão desaparecendo, e onde laboriosas famílias de recursos medianos alugam “quartos sem pensão a cavalheiros”. Os anúncios pedem mesmo: “cavalheiros de fino trato.” Fostes morar, pouco adiante, num magnífico rés-do-chão acavalado sobre três pisos de morro abaixo. Ao estudante Batista esse rés-do-chão se afigurava uma residência de príncipe solitário, com seus belos móveis de jacarandá, suas estantes bem arrumadas, seus objetos de arte, inclusive certo Cristo de marfim à cabeceira. Entretanto, o castelo não tinha cozinha. A minha hospedeira, bondosa portuguesa, que sempre se recusara a fornecer comida aos hóspedes, acudiu ao meu apelo: para o Sr. Dr. Bandeira, ali tão sozinho, sem família, e meu amigo, com muito gosto. Passamos então nós dois, privilegiadas criaturas, a regalar-nos com a mesa que nos preparava dona Sara; e será negra ingratidão se um dia, em nossas reminiscências escritas, não levantarmos um monumento de glória àquelas peixadas, àquelas galinhas da cabidela, àquelas papas, àqueles bifes de cebolada com que a paciente senhora nos compensava da imensa pena de existir.” (Couto, 2004. p.60)

O bairro de Santa Teresa, situado em uma região montanhosa da cidade do Rio de Janeiro, apresentou, a princípio, uma ocupação modesta, com grandes chácaras dispersas, condicionada, principalmente, por sua topografia difícil. A partir de meados dos séculos XVIII e XIX, com a abertura de vias e a melhoria dos acessos, ampliaram-se as conexões entre o morro e o centro da cidade, o que foi transformando progressivamente sua ocupação (Silva, 2020).

Mas foi a partir da segunda metade do século XIX, sobretudo com a implantação do sistema de bondes², que o bairro passou a ter um adensamento populacional mais significativo, atraindo

² Viviane Fernandes Silva em sua dissertação de mestrado: “O bondinho de Santa Teresa: meio de transporte e patrimônio trilhando a memória e identidade do bairro”, analisa a importância do bonde como elemento constitutivo para a memória e identidade de Santa Teresa. Ver: Silva, 2020.

PENSAR FORA DO EIXO

moradores das camadas mais abastadas da sociedade carioca interessados em residir em um ambiente considerado mais ameno e salubre, distante das altas temperaturas e das condições sanitárias precárias que caracterizavam o centro da cidade. Dessa forma, Santa Teresa se consolidou como uma alternativa residencial próxima ao centro do Rio de Janeiro e, ao mesmo tempo, preservada dos problemas de insalubridade que afetavam tal área (Silva, 2020).

Porém, nas primeiras décadas do século XX a situação social do bairro parecia ser outra, as “vivendas burguesas” de outrora, agora, abrigavam uma população de “laboriosas famílias de recursos medianos”. As elites sociais do século anterior deram lugar à famílias dedicadas ao trabalho, que viviam do próprio esforço, complementando sua renda como podiam, e configurando as formas de moradia e subsistência no morro.

O discurso de Ribeiro Couto já permite vislumbrar a densidade do cotidiano do Curvelo: a hospedaria, o apartamento sob o morro, o jornalista e o poeta, a portuguesa D. Sara e sua cozinha diversa. Em sua autobiografia: “Itinerário em Pasárgada”, Manuel Bandeira não deixa de mencionar o papel que o Curvelo³ desempenhou em sua vida e obra:

A Rua do Curvelo ensinou-me muitas coisas. Couto foi avisada testemunha disso e sabe que o elemento de humilde cotidiano que começou desde então a se fazer sentir em minha poesia não resultava de nenhuma intenção modernista. Resultou, muito simplesmente, do ambiente do morro do Curvelo. (Bandeira, 1984. p. 57).

Bandeira atribui ao Curvelo um papel formador em sua trajetória poética. O “humilde cotidiano” ganha potência no relato, e esse elemento, que passa a marcar sua poesia, não resulta de uma adesão deliberada ao programa modernista, mas da vida que emerge do “ambiente do morro do Curvelo”. Dessa forma, o cotidiano não se impõe como uma escolha teórica, mas como fruto da experiência que o atravessa.

Além de Manuel Bandeira e Ribeiro Couto, a pequena rua do Curvelo concentrou personagens centrais dos movimentos intelectuais e políticos que marcaram o país nas primeiras décadas do século XX. Na outra extremidade da rua, no nº 11, residiam Octávio Brandão, escritor e uma das lideranças do Partido Comunista Brasileiro, e sua esposa, Laura Brandão, poetisa e também militante. Em frente à casa de Bandeira, no nº 56, em um quarto alugado pela mãe de Lenine, vivia o casal de médicos Nise da Silveira e Mário Magalhães da Silveira. Além disso, no mesmo

³ Manuel Bandeira também se referia ao lugar como “Morro do Curvelo”, o que segundo Elvia Bezerra (2026) tratava-se da junção da rua do Curvelo com a rua Hermenegildo de Barros (antiga rua do Cassiano) e com o Largo do Curvelo.

PENSAR FORA DO EIXO

apartamento em que Manuel Bandeira viveu, no nº 51, morou a escritora Rachel de Queiroz depois que este mudou-se para a Lapa (Bezerra, 2026).

A pequena rua, portanto, reuniu figuras decisivas e importantes para a vida cultural e política brasileira. No entanto, não são essas presenças ilustres que estruturam a experiência urbana narrada por Bandeira. O que se destaca em sua escrita não é a excepcionalidade das figuras de vanguarda, mas a vitalidade do humilde cotidiano em suas complexas e diversas camadas:

Se a vida “é amarga e triste, e ao cabo dói mais do que tudo”⁴, ainda assim vale a pena. Foi o que vos revelou o morro do Curvelo. Das vossas amplas janelas, tanto as do lado da rua, em que brincavam crianças, como as do lado da ribanceira, com cantigas de mulheres pobres lavando roupa nas tinas de barrela, começastes a ver muitas coisas. [...] Entrando na vossa alma, dando-se, pedindo para ser amado, o morro do Curvelo entrava, humilde, na poesia brasileira. Como de um território mágico, tomastes posse do cotidiano. A poesia não estava só em vós, estava também naquilo que o mundo em torno vos oferecia. O cotidiano também tem a sua santidade e a sua sublimidade. Até então a vida vos vinha “através dos livros e dos jornais”, por causa do ascetismo da forçosa prisão, o quarto do “menino doente”. O morro do Curvelo, em seu devido tempo, trouxe-vos aquilo que a leitura dos grandes livros da humanidade não pode substituir: a rua. Viva, simples e sem história: a rua. (Couto, 2004. p. 62).

Na continuação de seu discurso, proferido na Academia Brasileira de Letras, Ribeiro Couto conta que Bandeira tomou posse do cotidiano do Curvelo, ao mesmo tempo que este passava a ocupar suas obras. O ordinário, então, adquire “santidade” e “sublimidade”, e passa a ser reconhecido ao alimentar seus escritos. Ao deslocar seu olhar para a rua, Bandeira permite que novas vozes, outras experiências, outras cenas e narrativas sejam amplificadas no tecido da cidade.

O trecho destaca a potência do cotidiano vivido e observado no Curvelo, e como o cronista estava rodeado por essa vida: da sua janela da frente se deparava com as crianças brincando, se apropriando da rua; pelas janelas do fundo via as mulheres pobres lavando roupas, e transgredindo certa “ordem urbana”. Esses personagens compõem uma cena que condensa uma diversidade de experiências urbanas: a infância e a vivência dessas crianças, com o trabalho e a sobrevivência dos adultos. Não são pessoas entregues à passividade e à disciplina da vida urbana, mas usuários que se reapropriam do espaço urbano, adaptando e reinventando os sistemas que lhes foram impostos, buscando meios para se divertirem, se desenvolverem e sobreviverem (Certeau, 1998).

A rua, dessa forma, emerge como instância formadora de percepção, ela ensina a ver, fazendo com que a realidade social do morro invadisse o apartamento de Bandeira, tornando-se impossível de ser ignorada. Portanto, aquilo que parecia ser tão simples, o “humilde cotidiano” vivido na rua, vivido

⁴ “No fundo é amargo e triste e dói mais do que tudo” é o último verso do poema “Mancha”, de “A cinza das horas”. (Bezerra, 2006. p.62)

PENSAR FORA DO EIXO

fora da vida privada, começa a se mostrar irresistível, e ao mesmo tempo complexo, com suas camadas de vivências e desigualdades.

Marcado pela experiência da doença evocada no poema “Pneumotórax”⁵: “A vida inteira que podia ter sido e que não foi.” (Bandeira, 2014a. p. 24), Bandeira conhecia o mundo sobretudo pela mediação entre livros, cartas e jornais, trancado em seu quarto de “menino doente”. A vivência no Curvelo, contudo, altera essa condição: a rua se impõem como espaço de experiência vivida, substituindo o conhecimento mediado pela convivência com a vida do morro.

Escrever sobre o cotidiano, portanto, não significa apenas registrar o ordinário, mas reorganizar o ponto de vista a partir do qual a cidade é narrada. O deslocamento do olhar do cronista da interioridade, da vida privada e mediada, para o exterior, para a rua, implica também um deslocamento de eixo e de centralidade, o que importava agora não era a monumentalidade da paisagem ou da cidade, mas as pessoas e as formas como elas se apropriavam do espaço urbano. Esse movimento só é possível — como bem observou Ribeiro Couto —, convivendo e tomando posse desse cotidiano, fazendo parte dele. Assim, a experiência do Curvelo não apenas transforma a linguagem de Bandeira, mas reconfigura o modo como o urbano pode ser percebido e representado através de suas crônicas.

INFÂNCIA E EXPERIÊNCIAS FORA DO EIXO

No baralho, a trinca são três cartas do mesmo valor. A semântica da molecada alargou o conteúdo da palavra e fê-la sinônima de baderna de bairro: a trinca do Curvelo, a trinca do Itapiru. É o conjunto da molecada do bairro, que a gente vê a todas as horas batendo bola na rua, empinando pipas, estalando os tecos na buraca (— “Busca!” — “Marraio!”), abatendo os pardais a bodoque... (Às vezes se atiram a distantes excursões donde regressam com uma jaca enorme. Nesses dias, é, na rua, jaca por todo o lado, uma orgia de jaca — enervante como todas as orgias.). (Bandeira, 2006. p. 149).

A crônica “A trinca do Curvelo” foi publicada pela primeira vez em 1932 na “Revista Souza Cruz”, do Rio de Janeiro, e posteriormente incorporada ao livro “Crônicas da Província do Brasil”, de 1937. No texto, o cronista empresta a “semântica da molecada”, para apresentar ao leitor as peripécias das crianças do bairro, que se apropriam da rua e fazem dela seu espaço de diversão e convivência. A vida acontece na rua: o jogo de bola, as pipas, os gritos, a caça aos pardais, a baderna, as aventuras de todos os dias.

⁵ Publicado em 1930, no livro “Libertinagem”. Ver: Bandeira, 2014a.

PENSAR FORA DO EIXO

Toda essa dinâmica e agitação não é apenas o cotidiano das crianças do Curvelo, mas o do próprio cronista que os observa e narra o texto. A “orgia de jaca” é narrada como uma mistura de fascínio e incômodo: o excesso, o improvisado, a desordem que enervam o adulto, mas que constituem, ao mesmo tempo, a potência criadora da infância (Leite, 2024).

Na crônica, a “trinca do Curvelo” não ressignifica apenas a palavra que os denomina, mas também o espaço urbano que ocupam por meio de usos múltiplos. A rua não é mero local de passagem, mas é ressignificada pelos usos da infância, configurando-se também, como espaço de convívio e de relações: amizades, conflitos, experiências e construção de identidade. Não por acaso, é o próprio espaço que nomeia o grupo: “Trinca do Curvelo”, “Trinca do Itapiru”, tem também a “Trinca do Cassiano”, crianças reconhecidas e identificadas pelo lugar onde vivem e pela forma com que se apropriam desse lugar:

Mas há a trinca de rua: a trinca do Curvelo, por oposição à trinca do Cassiano. Se atendessem à nomenclatura atual, teria que dizer a trinca de Hermenegildo de Barros, o que soa tão engraçado como antítese, aproximando a mais alta magistratura togada desse mundozinho irresponsável dos piores malandros da terra... (Bandeira, 2006. p. 149).

O Decreto nº 2.568, de 8 de abril de 1927, alterou o nome da Rua do Cassiano para Rua Hermenegildo de Barros, em homenagem ao jurista que atuou como ministro do Supremo Tribunal Federal entre 1919 e 1937. Já a Rua do Curvelo passou a se chamar Rua Dias de Barros pelo decreto nº 3.647, de 15 de outubro de 1931. Apesar dessas mudanças oficiais, o cronista continua a se referir aos locais como “Rua do Cassiano” e “Rua do Curvelo”, sugerindo que o novo nome não se consolidou no uso cotidiano⁶. A ironia presente na crônica evidencia o contraste entre o universo formal da alta magistratura e o “mundozinho irresponsável dos piores malandros da terra”, revelando a distância entre a nomeação institucional do espaço e a realidade social vivida no bairro.

O descompasso entre os nomes oficiais e os nomes efetivamente utilizados pelos habitantes pode ser lido através de Michel de Certeau (1998), que afirma que os nomes de lugares funcionam como marcas simbólicas que preservam fragmentos de história e organizam memórias coletivas. Mais do que simples designações administrativas, esses nomes participam da construção de narrativas sobre o espaço urbano, orientando simbolicamente os sujeitos na cidade.

Nesse sentido, o Curvelo não aparece apenas como uma localização geográfica, mas como um espaço carregado de significados. Ao registrar o cotidiano desse lugar, a crônica atravessa um

⁶ Lembrando que “A trinca do Curvelo” foi publicada em 1932.

PENSAR FORA DO EIXO

tecido de memórias e experiências compartilhadas, transformando o espaço urbano em um território de memória coletiva. Mesmo quando a toponímia oficial tenta reorganizar simbolicamente o espaço, ao manter a referência às ruas Cassiano e Curvelo, o cronista registra a resistência da memória frente às tentativas de padronização administrativa. São camadas de processos de disputas por memória, identidade e pertencimento que vão se revelando nas tensões entre a cidade vivida no cotidiano e a cidade imposta pela administração pública.

Essa dimensão simbólica dos nomes reaparece na própria organização das relações entre as crianças do bairro. Em “A antiga trinca do Curvelo”⁷, o cronista mostra como os nomes das ruas passam a designar não apenas lugares, mas funcionam também como marcadores sociais e de identidades territoriais: “De tempos a tempos a trinca do Curvelo travava lutas homéricas com a trinca de Hermenegildo de Barros, gentinha de morro abaixo, que a outra olhava com o maior desprezo.” (Bandeira, 2014b, p. 43). Nesse trecho, não sabemos se por chacota ou ironia, o cronista prefere adotar o nome oficial da rua para se referir à trinca rival. De todo modo, a toponímia deixa assim, de funcionar como simples referência espacial e torna-se símbolo de pertencimento e rivalidade entre os grupos.

O trecho transparece, inclusive, certa hierarquia social entre os que vivem morro acima, no Curvelo, e a “gentinha de morro abaixo”, na Hermenegildo de Barros, evidenciando como o espaço urbano não é neutro, mas classifica, diferencia e estigmatiza seus sujeitos. O cronista ilustra como o próprio grupo da molecada internaliza essa distinção, de modo que ela extrapola a esfera simbólica e se materializa nas “lutas homéricas” entre as trincas, isto é, nas práticas no espaço urbano.

Entretanto, essa mesma rua que organiza distinções e conflitos é também o espaço onde se desenrola a vida cotidiana do bairro. É nesse plano ordinário, de convivência, trabalho e lazer, que o Curvelo se constitui como microcosmo urbano. Mais adiante no texto, o cronista passa a descrever um dos membros mais famosos da Trinca do Curvelo:

A trinca do Curvelo conta com exemplares interessantes. Primeiro que tudo conta com um Lenine autêntico. Uma tarde a polícia deu uma batida na residência do comunista Otávio Brandão, pondo em verdadeiro pé de guerra o minúsculo e pacato bairro do Curvelo. No entanto estava ela então, como ainda está hoje, longe de suspeitar da existência desse Lenine, cujo sonho mais caro é o comunismo integral. Tem sete anos apenas, mas já me considera um infame pequeno-burguês, só porque eu nunca lhe quis dar uma fita métrica de aço que um dia vi sobre a minha mesa. Toda vez que eu defendo, a propósito de um livro, de um canivete, de um isqueiro cobinado por Lenine, o princípio de propriedade, Lenine brada com um “toque de mal” e vai se

⁷ Publicada 15 anos após a crônica “A trinca do Curvelo”, em 1957, no livro “Flauta de Papel”, o trecho pertence a crônica “A antiga trinca do Curvelo”, onde o cronista retoma as histórias de convivência com os meninos do Curvelo, informando ao leitor o paradeiro deles na vida adulta.

PENSAR FORA DO EIXO

vingar na minha porta, contra a qual investe a pontapés e pedradas. O grito de guerra é: “Vou es... bodegar a sua porta!”. (Bandeira, 2006. p. 150).

O primeiro a ser descrito é Lenine⁸, representado através de analogias com o revolucionário comunista, o menino de sete anos encarna certo debate ideológico do período. O relato começa com a invasão da polícia no bairro, na casa de Otávio Brandão, indicando não apenas a repressão política da época, mas também a ação violenta e inesperada no pequeno bairro. Ao falar sobre o Curvelo na crônica “Zeppelin em Santa Teresa”⁹, o cronista volta a citar o ocorrido: “E só houve intervenção federal uma vez, quando os comunistas quiseram reunir-se na casa do intendente Otávio Brandão para escolher os seus candidatos à sucessão presidencial e às cadeiras do parlamento. Sempre a política estragando o Brasil.” (Bandeira, 2015, p. 471).

Para orgulho do cronista, só houve intervenção federal na rua do Curvelo uma única vez durante o tempo em que lá residia. A ação é narrada como se esse tipo de ocorrência fosse comum em outros contextos, sugerindo que o Curvelo constituía uma exceção em relação aos bairros com características semelhantes: espaços não centrais e afastados das zonas mais valorizadas da cidade, tradicionalmente ocupados por camadas trabalhadoras. Nesse sentido, a crônica evidencia como as tensões políticas e estruturais do país também se manifestavam fora dos principais eixos da cidade, revelando, ao mesmo tempo, a desigualdade na atuação do poder estatal sobre territórios que se encontram à margem das centralidades institucionais.

Voltando a Lenine, o menino faz jus ao nome: sonha com o “comunismo integral”, e buscando a “isenção da propriedade privada”, tenta obter do cronista aquilo que chama sua atenção. A ironia no trecho é apresentada com humor: o sonho do Lenine do Curvelo é obter um livro, um isqueiro, uma fita métrica, objetos banais mas que em suas mãos viram brinquedos. A cena revela não apenas a inocência da infância, mas também a forma como o cotidiano é ressignificado na interação entre o cronista e o menino.

É possível compreender esse gesto não como simples cobiça, mas como uma “maneira de fazer”¹⁰ (Certeau, 1998). Ao apropriar-se de objetos comuns e atribuir-lhes novos usos, Lenine subverte a

⁸ Lenine é a versão aportuguesada de Lênin. Na crônica ele é comparado com o mais famoso dos Lênins, o líder da União Soviética entre 1917 e 1924.

⁹ Crônica publicada pela primeira vez em 1930, no periódico “Diário Nacional”, do Rio de Janeiro, com o título “Morro em polvorosa”, foi posteriormente incorporada ao livro “Andorinha, Andorinha”, de 1966.

¹⁰ Segundo Michel de Certeau (1998), as “maneiras de fazer” são práticas cotidianas através das quais as pessoas comuns utilizam, adaptam e reinventam os sistemas que lhes são impostos, multiplicando suas possibilidades. Como exemplo: usam objetos de maneiras inventivas, fazendo outras coisas com a mesma coisa, ultrapassando os limites de determinações daquele objeto.

PENSAR FORA DO EIXO

lógica funcional para a qual foram concebidos. Trata-se de uma prática inventiva que transforma o dado em possibilidade: fazer outras coisas com a mesma coisa, ultrapassando os limites previamente definidos para seu uso. Nesse sentido, o comportamento de Lenine — assim como o dos demais moleques do Curvelo — pode ser entendido como tática, isto é, como forma de agir dentro de um sistema urbano que não foi pensado para eles, mas que é continuamente reapropriado por meio do uso.

As crianças do Curvelo fazem uma verdadeira “bricolagem do cotidiano” (Certeau, 1998), construindo seu espaço de sociabilidade, desenvolvimento e diversão, à partir daquilo que têm à disposição: a rua e suas possibilidades. Apropriando-se desse espaço, transformam-no continuamente por meio de suas práticas, convertendo-o, ao mesmo tempo, em campo de futebol e recreação, lugar de trabalho das lavadeiras e posto de observação da vida cotidiana pelo cronista.

Tal como os passos dos transeuntes na cidade, essas práticas não deixam registros duráveis no espaço urbano. O cotidiano do Curvelo se produz em gestos efêmeros que desaparecem no mesmo instante em que acontecem (Certeau, 1998). Na cidade, restam apenas vestígios ocasionais, como as vidraças quebradas e a jaca espalhada pela rua, indícios de um espaço constantemente reinventado pelas ações daqueles sujeitos. É nesse ponto que a crônica assume um papel fundamental: ao registrar essas práticas, ela transforma o efêmero em narrativa, conferindo permanência ao que, de outro modo, se perderia no fluxo da vida cotidiana.

Dessa forma, o morro do Curvelo não é feito apenas do durável e do material, como ruas e edifícios, mas sobretudo dos movimentos cotidianos, passageiros, muitas vezes invisíveis a partir das áreas centrais da cidade, ou mesmo entendidos como inapropriados. São movimentos e apropriações da cidade que não podem ser percebidas ao analisar os planos urbanos do Rio de Janeiro e seus mapas, mas que se apresentam nessa composição prática e experienciada da cidade. De forma que, o que organiza o morro do Curvelo, não é o planejamento urbano, mas o uso cotidiano do espaço de acordo com as dinâmicas próprias, e necessidades, das camadas populares que lá convivem.

Essa leitura torna-se ainda mais significativa quando se considera que a cidade é, em grande medida, concebida a partir da perspectiva do indivíduo adulto. As crianças tendem a ocupar um lugar secundário, sendo frequentemente invisibilizadas nos processos de produção do espaço urbano (Schonardie; Tondo, 2018). O espaço social é, nesse sentido, condicionado e regulado por interesses adultos, que delimitam as formas de participação infantil na cidade.

PENSAR FORA DO EIXO

A crônica de Bandeira, no entanto, apresenta uma realidade distinta. As crianças do Curvelo não aparecem como sujeitos passivos ou dependentes, mas como agentes que exploram e produzem o espaço urbano. Não há, na narrativa, sinais de medo ou contenção: a rua, frequentemente vista como espaço de risco, surge como território de experiências, convivência e invenção. É nela que essas crianças exercem sua autonomia, apropriando-se do mundo ao seu redor e transformando-o em espaço de jogo, de relação e de aprendizagem. Esse processo, entretanto, não acontece sem conflitos e tensões, escancarando problemas sociais daqueles que têm, na rua, seu espaço de aprendizado e desenvolvimento:

[...] De Lenine até os “bambas” — o Zeca Mulato, o Encarnadinho, o Culó, o Piru Maluco, a trinca é rica em tipos bem diferenciados pelo físico, pela cor, pelo caráter. Ao mulatinho Ivan dei, como de direito, o cognome de Terrível. Batem à minha janela. — “Quem é?” — “Ivan” — “Que Ivan?” — “Ivan, o Terrível!” Foi assim que ensinei a me responder. Os outros fazem troça: — “Qual nada, seu Manuel Bandeira, é um marica. Não tem nenhum que não dê nele!” Quem falou assim foi o jovem Antenor, que eu prefiro chamar o antena Antenor: — “Quem é?” — “É o antena Antenor!” Há um Armando de Castro, que, naturalmente, é Castro Forte. Mas esse quase não é da trinca e até lê romances dessa tal baronesa que escreveu a Castelã não sei de onde.

A espécie ruivo-sardenta é representada na pessoa do Nelson, que parece neto de escocês. Na realidade é neto de uma velha preta, das antigas, opulentamente preta, colonial como a marquesa de Santos e o Convento de Santo Antônio. Nunca me esquecerei do grand air com que ela falou ao Álvaro no dia em este bateu no Nelson. Não gritou, não fez escândalo. Falou com voz baiana, amável e gostosíssima: “Vai bater na bundinha da Mamãe... Vai...”. O Álvaro, que tem resposta pra tudo e não respeita as caras, ficou inteiramente desorientado, abestalhado, diante daquele insulto que parecia um afago, coisa tão nova que ele não entendia bem. (Bandeira, 2006, p. 149-150).

Ao observar o cotidiano e descrever as características de cada um dos meninos da trinca, o cronista é sensível, humanizando cada uma deles, atribuindo nomes, apelidos, traços físicos e de personalidade. Mais do que tipos genéricos, moleques, são sujeitos singulares: Ivan, o “Terrível”; Antenor, o “antena Antenor”; Armando, o “Castro Forte”. Esses apelidos representam uma rede de relações entre o cronista e as crianças, revelando um convívio próximo, atravessado por afeto, humor e observação.

Ao mesmo tempo, a trinca evidencia uma grande diversidade de tipos que compõem um retrato plural que remete à complexidade do próprio tecido social brasileiro. Misturam-se ali elementos diversos: o popular e o erudito, o afeto e a violência, a inocência e a malandragem, coexistindo no mesmo espaço. A rua do Curvelo aparece, assim, como lugar de encontro dessas diferenças, onde se articulam convivência, conflito e pertencimento.

O cronista, embora registre esse universo com afeto, não deixa de evidenciar as dinâmicas de poder e as formas de relação entre as crianças. A fala sobre Ivan: “um marica. Não tem nenhum que não dê nele!”, revela critérios de reconhecimento e hierarquia dentro da trinca, associados à força e à

PENSAR FORA DO EIXO

capacidade de enfrentamento. A experiência na rua, nesse sentido, é composta também pelo aprendizado do embate, onde o respeito se constrói pela disputa.

Essa lógica se torna ainda mais evidente no episódio envolvendo Álvaro e a avó de Nelson. Acostumado a uma dinâmica de confronto direto, Álvaro se vê desorientado diante de uma reação inesperada: uma fala calma, quase afetuosa, que rompe com o padrão de agressividade ao qual está habituado. O “insulto que parecia um afago” desestabiliza sua referência de mundo, mostrando que aquelas crianças, embora familiarizadas com o conflito, não sabiam como reagir quando a violência não se apresentava como resposta:

Este Álvaro estava habituado com a técnica materna, que é a da pancadaria sem sutilezas. A sova com o que está ao alcance da mão: correia, tamanco, pau de vassoura ou tranca de ferro. Um dia assisti a uma dessas execuções. Depois caçoei com o Álvaro. E ele, cínico: “Também eu tirei o corpo fora e ela deu com a mão na parede que chega destroncou o dedo!” É assim. (Bandeira, 2006, p. 150).

O próprio relato sobre a relação de Álvaro com a mãe reforça essa dimensão. A relação da “pancadaria sem sutilezas”, aparece como prática cotidiana, conhecida e naturalizada, a ponto de o menino narrá-la com cinismo e até certo orgulho. Essa experiência não se limita ao espaço privado, mas transborda para a rua, informando as diferentes camadas de interação dessas crianças. Assim como reinventam o espaço urbano por meio do jogo e da brincadeira, também reproduzem nele os conflitos e tensões que atravessam sua vida cotidiana.

Esse transbordamento entre o privado e o público aproxima o Curvelo da ideia de porosidade descrita por Walter Benjamin (1987) em seu texto sobre Nápoles. As fronteiras entre casa e rua tornam-se fluidas: a vida doméstica se expõe, se prolonga e se transforma no espaço urbano. O cotidiano dessas crianças se dá majoritariamente do lado de fora, na rua, onde convivem, brigam, brincam e aprendem. O Curvelo revela-se, assim, um espaço permeável, onde a experiência urbana é atravessada por relações íntimas, conflitos e afetos que não se restringem ao interior das casas.

E é justamente essa porosidade, essa vida que acontece do lado de fora, que encontra na Rua do Curvelo seu grande palco — mas não como algo passivo, que apenas recebe às ações desses sujeitos — permitindo ao cronista observar, registrar e conviver com essas ações. A infância livre na rua, que constrói, ensina e estimula a imaginação e as brincadeiras, é também reflexo de problemas sociais, urbanos e econômicos enfrentados pelos sujeitos do Curvelo, independentemente da idade:

Tenho pena de não ver hoje na trinca o Panaco. Panaco era o Olavo, irmão desse Álvaro. Criado nu na rua. Uma saúde de ferro e já andava. Era a borboleta do Curvelo. Sarampo bateu nele. A mãe estava no emprego.

PENSAR FORA DO EIXO

Os irmãos entenderam de lavar o quarto. Panaco apanhou um resfriado, e lá se foi para a trinca dos anjinhos de Nosso Senhor! (Bandeira, 2006, p. 150).

A mãe de Álvaro, que aparece em outros momentos associada à violência doméstica, surge aqui sob outra perspectiva: a de uma mulher atravessada pela precariedade, pela perda de um filho e pela necessidade de trabalhar para sustentar a casa. Sua ausência não é descuido, mas condição de sobrevivência. Os irmãos se organizam como podem, refletindo a realidade de inúmeras casas brasileiras onde o filho mais velho cuida do mais novo, evidenciando uma dinâmica familiar marcada pela urgência, pela sobrevivência e pela responsabilidade que logo cedo começa a atravessar a vida dessas crianças.

Essas experiências revelam como as questões sociais não se apresentam de forma abstrata, mas se inscrevem nas práticas cotidianas. A infância que se desenrola na rua, livre e inventiva, é também atravessada por essas condições. O Curvelo, nesse sentido, não é apenas espaço de brincadeira e imaginação, mas também lugar onde se tornam visíveis as desigualdades que estruturam a vida urbana, especialmente para aqueles que precisam recorrer à táticas fora do eixo para sobreviver.

É nesse plano complexo, de desigualdade e tensões sociais, que o cronista narra e constrói seus personagens. As condições que atravessam a vida no Curvelo, como a precariedade, a necessidade de trabalho, a violência e a ausência, não permanecem como pano de fundo, mas se manifestam nas práticas, nos gestos e nas formas de ser das próprias crianças. Nesse sentido, retomando a figura de Lenine — na crônica que leva seu nome¹¹ — é possível observar como essas questões se condensam no indivíduo:

É assim Lenine: esquivo, irascível, exigente. Dana a vida quando a trinca o chama de tatuí de areia.

No entanto não lhe posso guardar rancor, porque se lhe digo: “Lenine, você é um grande malandro! Não é?” ele me olha meio sério, meio rindo, com um ar tão meigo, tão lindo, tão cândido, que é de fazer inveja ao primeiro *team* dos anjos de Nosso Senhor.

Mas há a questão social... Falando de Lenine, do Lenine do Curvelo, ao comunista Otávio Brandão, este me respondeu sem o menor entusiasmo:

— Um lenine batizado... (Bandeira, 2006, p. 181).

Lenine é malandro, mas também é meigo; “autêntico comunista”, embora fascinado pela propriedade privada; criança batizada com nome de um ateu que combatia a religião. Aventura-se nas ruas, perde a razão quando os outros moleques zombam dele, apronta tanto que, por vezes, é

¹¹A crônica que também compõe “Crônicas da Província do Brasil” foi publicada pela primeira vez, em 1931, no Diário Nacional de São Paulo.

PENSAR FORA DO EIXO

fácil esquecer que é apenas um menino. Mas é justamente isso que o cronista enfatiza: antes de qualquer rótulo ideológico ou social, Lenine — como os outros membros da Trinca — é uma criança, meiga e, ao mesmo tempo, travessa, que carrega a inocência própria da infância, atravessada pela astúcia aprendida nas ruas do bairro humilde.

A “questão social”, mencionada pelo autor, é tratada com ironia, pois toda a descrição de Lenine já está impregnada dela. Dessa forma, o cronista desloca a cena do plano anedótico para o social e político, sugerindo que a infância ali representada não está apartada de disputas — ideológicas, de identidade e de pertencimento —, nem das desigualdades sociais do país, mas as encena na escala do cotidiano. O “Lenine batizado” encarna uma contradição viva e irônica. Não é figura estática, nem personagem de característica única, está sempre em movimento, como a própria rua e o cotidiano de que faz parte, condensando tensões e expondo contradições e estigmatizações sociais, abordadas a seguir.

FUTURO FORA DO EIXO

De volta à crônica “A trinca do Curvelo”, o cronista não apenas fez registros do cotidiano vivido, como também fez uma previsão sobre o futuro da molecada do bairro:

Os piores malandros da terra. O microcosmo da política. Salvo o homicídio com premeditação, são capazes de tudo — até de partir as vidraças das minhas janelas! Mentir é com eles. Contar vantagem nem se fala. Valentes até na hora de fugir. A impressão que se tem é que ficam homens vão todos dar assassinos, jogadores, passadores de notas falsas... Pois nada disso. Acabam lutando pela vida, só com a saudade do único tempo em que foram verdadeiramente felizes. (Bandeira, 2006. p. 149).

Na continuação da crônica, o narrador mobiliza e, ao mesmo tempo, tensiona o estigma associado às crianças que crescem na rua, qualificando-as como “os piores malandros da terra”. A expressão, contudo, é imediatamente relativizada pela natureza das práticas descritas: travessuras infantis cujo “crime” maior é quebrar vidraças. Essa ambiguidade evidencia o descompasso entre os discursos sociais que projetam nesses sujeitos um destino marginal e as práticas cotidianas efetivamente vividas por eles. Portanto, ao registrar essas experiências, a crônica evidencia as tensões entre os discursos que estigmatizam e as práticas que, na realidade, produzem a vida urbana.

Nesse sentido, o cronista expõe não apenas o peso desses estereótipos, mas também sua fragilidade. Ao contrário do futuro socialmente previsto, marcado pela criminalidade ou pela marginalidade, seu palpite, como alguém inserido nesse cotidiano, é que se tornarão adultos que “acabam lutando pela vida”, distantes da liberdade que experimentaram na infância. A rua, que no

PENSAR FORA DO EIXO

presente da narrativa aparece como espaço de invenção, sociabilidade e alegria, converte-se, retrospectivamente, em um lugar de memória da infância vivida frente à dureza da vida que os aguarda:

Para muitos a luta começa como uma extensão da pagodeira da trinca. Vender os jornais da tarde, “xepar”, isto sim que é divertido, já sendo atividade de homem: — “A Noite! O Globo! O Diário! Qual é?” Voltar às onze horas da noite para casa, trazendo cinco, seis, sete mil-réis. Sustentando a família com treze e quatorze anos... Mas no dia que traz só três mil e tanto é que vadiou. “Malandro! Te boto na Colônia!” Então é que começa a perceber que a vida não é brinquedo, como na trinca. (Bandeira, 2006. p. 149).

Há, nesse trecho, uma transição entre o mundo da diversão na rua e o mundo do trabalho também vivido nela¹². É o momento em que “a luta começa como uma extensão da pagodeira da trinca”, como se as atividades de homem praticadas por esses meninos fossem apenas mais uma brincadeira: um teatro em que encenam a vida adulta, saindo pelas ruas para vender jornais.

Em “Infâncias em Berlim por volta de 1900”, no texto “Esconderijos”, Walter Benjamin (1987) descreve como o espaço ao redor da criança — e a própria criança enquanto sujeito — se transformam no momento da brincadeira. Ao se esconder, a criança não apenas ocupa um lugar, mas o reinventa, atribuindo-lhe novos sentidos. Trata-se da potência imaginativa que transforma o espaço e permite à criança habitar outras possibilidades, encenar outras realidades, de forma que experiências banais possam ser transformadas em outra coisa naquele instante.

No Curvelo, algo semelhante ocorre: ao desbravarem a rua para vender jornais, essas crianças encenam a vida adulta, brincam de adultos, incorporam gestos, falas e responsabilidades. No entanto, o cronista rapidamente rompe essa dimensão imaginativa ao introduzir a materialidade da experiência: voltar às onze horas da noite para casa, trazer dinheiro, sustentar a família aos treze ou quatorze anos e, ainda assim, ser acusado de vadiagem quando não se atinge o esperado.

É nesse ponto que a realidade se impõe. A criança é forçada a sair de seu “esconderijo”, de sua encenação, e confrontar o fato de que “a vida não é brinquedo, como na trinca”. A venda de jornais deixa de ser jogo e se revela como trabalho; a malandragem deixa de ser traço lúdico e passa a ser estigma; a responsabilidade deixa de ser ensaio e se torna condição cotidiana.

O que se evidencia é o peso que essas crianças carregam: são as mesmas que brincam, que reinventam a rua, que fazem dela espaço de jogo e imaginação, mas também aquelas que, muito

¹² É possível pensar nessa passagem da infância para a vida adulta e das transformações no sentido da rua a partir da literatura de — e em diálogo com — outros escritores, como João Antônio, exímio cronista do cotidiano (Castro, no prelo).

PENSAR FORA DO EIXO

cedo, sustentam suas casas. O contraste entre a vida de brincadeira e a vida que não é brinquedo expõe outras contradições do cotidiano urbano, revelando, simultaneamente, suas potências, limitações e estigmatização.

Nesse sentido, as táticas da infância, que transformavam a rua em campo de futebol, o isqueiro e o livro em brinquedos, as janelas em gol, não desaparecem. Elas são deslocadas para o campo do trabalho e da sobrevivência. A capacidade de reinvenção do cotidiano passa a operar como tática de inserção no mundo do trabalho informal, marcado por poucas oportunidades e por desigualdades de classe, cor e acesso à educação.

Nesse sentido, essas táticas, isto é, modos de agir em espaços que não foram pensados para esses sujeitos, mas que são continuamente reapropriados por eles (Certeau, 1998), são ações que não se baseiam em planejamento ou controle, mas na capacidade de aproveitar ocasiões, explorar brechas e improvisar possibilidades no interior de um sistema que os limita. É no cotidiano, e não fora dele, que essas oportunidades surgem, e é nele que essas crianças constroem suas formas de existência.

Algo interessante, e nada trivial, é a crônica escrita por Manuel Bandeira cerca de 15 anos depois de “A trinca do Curvelo”, na qual o autor retoma a história dos meninos e confirma, em certa medida, seu prognóstico sobre o futuro da molecada:

Escrevendo sobre a velha trinca, arrisquei um prognóstico otimista que deu inteiramente certo. “Os piores malandros da terra”, disse: “O microcosmo da política. Salvo o homicídio com premeditação, são capazes de tudo. Mentir é com eles. Contar vantagens, nem se fala. Valentes até a hora de fugir. A impressão que se tem é que ficando homens vão todos dar em assassinos, jogadores, passadores de notas falsas... Pois nada disso. Acabam lutando pela vida, só com a saudade do único tempo em que foram verdadeiramente felizes...”

Tal e qual. Mudei-me do Curvelo para a Lapa. Durante alguns anos tive notícias da trinca por Ernâni, que de quinze em quinze dias ia encerrar o meu apartamento. Mas Ernâni entisicou e morreu. Quando estava nas últimas, mandou-me um recado, pedindo-me que o fosse ver. Fui. Ernâni sofria sem nenhum sentimentalismo. Em certo momento a irmãzinha, um anjo louro, não soube acudir-lhe a tempo com a escarradeira. — “Dá um bofetão nessa burra!” gritou o quase moribundo para o irmão Álvaro. A trinca era assim. Dois dias depois morreu. (Bandeira, 2014b. p. 43-44).

Em “A antiga Trinca do Curvelo”, o cronista retoma suas previsões, e já antecipa ao leitor que seu “prognóstico otimista”, isto é, projetando algo bom, mas não necessariamente algo certo — como uma aposta — “deu inteiramente certo”. Ernâni aparece como elo entre passado e presente, era ele quem levava notícias da trinca ao cronista. O episódio narrado revela uma relação de apreço e amizade entre o menino e o escritor: aquele que antes quebrava suas vidraças e encerrava seu chão , mandou chamá-lo quando estava doente e foi atendido.

PENSAR FORA DO EIXO

Ernâni “entisicou”, isto é, morreu de tuberculose, o mesmo mal que marcou a trajetória do próprio Bandeira. No entanto, enfrenta a doença como um autêntico membro da Trinca do Curvelo: valente, sem pena de si mesmo e de sua situação, com a mesma rudeza que caracterizava o grupo de meninos. Assim, mesmo à beira da morte, mantém o tom agressivo e cotidiano que estruturava suas relações, revelando como essas formas de ser persistem para além da infância.

Nesse episódio, surge também a figura da irmã, descrita como um “anjo louro”, responsável por cuidar do doente¹³. Trata-se de uma presença feminina rara no universo da trinca, e significativamente deslocada da rua para o espaço doméstico. Enquanto os meninos ocupam o exterior, a rua, o jogo, o conflito, a menina aparece associada ao cuidado, ao interior da casa, ao quarto do enfermo. Essa distinção aponta para uma organização mais ampla das relações sociais e de gênero, e sugere uma divisão de papéis também na infância, mas que não se limita à ela.

A questão — embora não aprofundada — evidencia que os espaços e experiências de meninos e meninas no Curvelo não se distribuem da mesma forma. Se a rua já se configurava como espaço de tensão e disputa para os meninos, sua ocupação pelas meninas parece ainda mais restrita. Assim, a diferença de gênero se apresenta como mais uma camada das hierarquias sociais que atravessam o cotidiano do bairro, articulando-se às questões de classe, trabalho e sobrevivência.

Retomando a crônica, é possível então observar os desdobramentos dessas trajetórias e os caminhos que esses meninos efetivamente seguiram:

Perdi o contato com a trinca. Hoje, passando na avenida Rio Branco, vi o Álvaro. Álvaro vende bilhetes de loteria e joga football. Está com vinte e um anos, não quer saber de casamento. Foi ele que me deu notícia dos companheiros de dez anos atrás.

A única tristeza é a loucura de Lenine (já no tempo do Curvelo sofria de ataques epiléticos). Os outros, porém, prosperaram. Encarnadinho é alfaiate na Lapa; o pretinho Malaca, ajudante de alfaiate; Culó, aviador; Orlando e Rafael, cadetes do exército; Piru Maluco e Arlindo, gráficos; Zeca Mulato foi sapateiro, mas estudou e hoje é datilógrafo; Bacurau é investigador; Ademar, jogador de boxe e de luta livre... Nenhum se perdeu. Nenhum tem nota de culpa na polícia. (Bandeira, 2014b. p. 44).

Contrariando os prognósticos sociais, segundo os quais o menino criado na rua estaria destinado à vadiagem ou à marginalidade, o relato de Álvaro é registrado com evidente orgulho pelo cronista: “Nenhum se perdeu. Nenhum tem nota de culpa na polícia”. Todos se inserem, de algum modo, no mundo do trabalho, ocupando posições socialmente reconhecidas. Alguns parecem ter seu próprio

¹³ Tal como a irmã de Ernâni, era a irmã de Manuel Bandeira, Maria Cândida Bandeira, quem cuidava dele durante suas crises de Tuberculose (Bezerra, 2026).

PENSAR FORA DO EIXO

negócio, como Encarnadinho, que se tornou alfaiate; outros contrariando o “mundozinho dos piores malandros da terra”, ingressaram no exército ou na investigação; Zeca Mulato, por sua vez, estudou, passando de sapateiro a datilógrafo, isto é, uma ascensão por meio da educação.

No entanto, o que há de surpreendente no relato não é o futuro honesto desses meninos, o que chama atenção é o caso de Lenine. Personagem que ganhou uma crônica própria e se imortalizou no registro do cotidiano de Manuel Bandeira, teve um desfecho trágico: enlouqueceu na vida adulta. O cronista admite conhecer os episódios dos ataques epiléticos do menino na infância, mas opta por não fazer deles o centro de sua narrativa à época. Ao contrário, preserva a imagem daquele menino “de ar tão meigo, tão lindo, tão cândido, que é de fazer inveja ao primeiro *team* dos anjos de Nosso Senhor”, que se enfurecia quando provocado e que não perdia a oportunidade de tentar obter algum objeto do cronista.

O Lenine de Bandeira não é o adulto marcado pela doença, mas a criança viva, ambígua, ao mesmo tempo inocente e malandra, que ocupa a rua como extensão da casa, fazendo dela espaço de sociabilidade, experiência e invenção, mesmo atravessado por inúmeras dificuldades e questões sociais que igualmente faziam parte do seu cotidiano.

Dessa forma, a realidade social do Curvelo não se apresenta como mero pano de fundo, mas como elemento estruturante da própria forma narrativa (Candido, 1970). A “questão social” não aparece como conceito, mas como prática: nas disputas por objetos, na organização das crianças na rua, na ausência da mãe que trabalha, na violência e na malandragem que estruturam as relações. Esses elementos não são exteriores à obra, mas reorganizados e condensados na forma da crônica. Assim, mais do que descrever o cotidiano, a crônica de Bandeira revela modos de vivê-lo, inscrevendo na linguagem e na estrutura narrativa a experiência concreta da cidade e de seus sujeitos, sobretudo aqueles que vivem fora do eixo.

A crônica termina com a confissão do narrador sobre a única vez que a molecada conseguiu, de fato, tirá-lo do sério:

Raiva, raiva de verdade só me deram uma vez, em que saí de fraque para um casamento. Não vos conto nada: a trinca suspendeu a partida de football e começou a gritar: “Seu Manuel Bandeira de fraque! Seu Manuel Bandeira de fraque!” Também foi a última vez que vesti fraque na minha vida. (Bandeira, 2014b. p. 44).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises apresentadas ao longo deste trabalho permitem compreender a crônica não apenas como registro literário do passageiro e do trivial, associada a uma literatura “menor” (Candido, 2003), mas como fonte privilegiada para pensar a cidade “fora do eixo”, abrindo espaço para múltiplos percursos de leitura e compreensão do urbano e da própria história.

Nas crônicas analisadas, emergem diferentes formas de representação da cidade e de seus sujeitos, seja pelas aventuras e modos de apropriação da rua pelas crianças, seja pelas relações de pertencimento, identidade e também de estigmatização social que atravessam essas experiências. Trata-se de sujeitos frequentemente inscritos, de antemão, em expectativas limitadas de futuro, como se suas condições de vida determinassem previamente seus destinos.

Ao acompanhar o olhar do cronista sobre o cotidiano da rua do Curvelo, tornam-se visíveis personagens, práticas, memórias e experiências que escapam tanto aos registros oficiais quanto às lógicas do planejamento urbano, isto é, às “estratégias” impostas (Certeau, 1998). Em contrapartida, o que se revela são formas de viver, apropriar, ressignificar e ocupar a cidade por meio de táticas cotidianas, inventivas e, muitas vezes, imprescindíveis à sobrevivência em uma cidade desigual como o Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XX.

Mobilizar a crônica como forma de compreensão da cidade e seu cotidiano implica, portanto, reconhecê-la não apenas como registro do trivial e do vivido, mas como prática discursiva capaz de tensionar hierarquias espaciais e simbólicas. Ao privilegiar a rua, o morro do Curvelo e seus sujeitos, o cronista desloca o eixo tradicional da narrativa urbana, geralmente centrado nas grandes avenidas, nos espaços monumentais e nas zonas valorizadas, e inscreve as bordas como lugar legítimo de produção da cidade e da história. Nesse sentido, as crônicas evidenciam os tensionamentos entre os discursos que procuram organizar e representar a cidade e as práticas cotidianas que a reinventam continuamente.

Esse deslocamento do olhar do cronista implica também um deslocamento do próprio lugar a partir do qual buscamos compreender a cidade. Se o cotidiano produz a cidade, o foco se move das estruturas para as experiências, das formas planejadas para as práticas vividas. Compreender o urbano, nesse sentido, exige olhar para a vida que acontece nas ruas, para os ritmos ordinários,

PENSAR FORA DO EIXO

para os modos de uso e apropriação que escapam às lógicas institucionais, reconhecendo que estas não esgotam, e nem dão conta, da compreensão da cidade.

Por fim, as crônicas de Manuel Bandeira mostram como o imaginário social sobre determinados sujeitos, especialmente aqueles situados fora dos eixos centrais, independente de serem adultos, crianças, homens ou mulheres, está continuamente em disputa. É nesse movimento que se tornam visíveis os tensionamentos entre estratégia e tática, entre discurso e prática, entre o que se projeta sobre a cidade e o que, de fato, se vive nela. Assim, mais do que representar o urbano, a crônica revela modos de apropriá-lo, permitindo compreender a cidade como um campo de práticas, narrativas e experiências em disputa.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Manuel. **Itinerário de Pasárgada**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. **Crônicas da província do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

_____. **Libertinagem**. 1. ed. digital. São Paulo: Global, 2014a.

_____. **Flauta de papel**. 2. ed. São Paulo: Global, 2014b.

_____. **Andorinha, andorinha**. 4. ed. São Paulo: Global, 2015.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas II: rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BEZERRA, Elvia. **A trinca do Curvelo: os afetos de Manuel Bandeira**. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2026.

CANDIDO, Antonio. A dialética da malandragem. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, USP, n. 8, p.67-89, 1970. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/69638/72263>. Acesso em: 22 mar. 2026.

_____. A vida ao rés-do-chão. In: **Para gostar de Ler: crônicas**. Volume 5. São Paulo, 2003. pp. 89-99.

Castro, Ana C. V. de. (no prelo). Os sentidos da rua em João Antonio: Três malandros na noite de São Paulo. In: LANNA, A. (Org.). **Ruas paulistanas**. (Cap. 9). Alameda.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1998.

COUTO, Ribeiro. **Três retratos de Manuel Bandeira**. Introdução, cronologia e notas de Elvia Bezerra. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2004. Disponível em: <https://acervodigital.academia.org.br/books/qpfu/?search=dona%2520sara#p=1>. Acesso em: 21 mar. 2026.



PENSAR FORA DO EIXO

LEITE, Brenda Regina Braz. **Memórias de um Brasil provinciano**: Manuel Bandeira e as crônicas da província do Brasil. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2024.

SCHONARDIE, Elenise Felzke; TONDO, Aline Lemos. A cidade contemporânea e o espaço da criança: interações sobre a cidade, a infância e a apropriação do espaço público. **Revista Direitos Humanos e Democracia**, v. 6, n. 12, p. 48–56, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.21527/2317-5389.2018.12.48-56>. Acesso em: 21 mar. 2026.

SILVA, Viviane Fernandes. **O bondinho de Santa Teresa**: meio de transporte e patrimônio trilhando a memória e identidade do bairro. 2020. 175 f. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) – Escola de Ciências Sociais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2020.